

FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO: O RELATIVISMO E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, CONSEQUENTEMENTE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E HUMANA DAS PESSOAS.

Leonardo Lopes dos Santos

leonardo.sedevacante@bol.com.br

RESUMO:

O Artigo em questão aborda o assunto relacionado com uma corrente filosófica denominada Relativismo, inserida dentro da área da educação, em especial a de nível superior. Como referencial teórico, adotamos as contribuições de LYOTARD (1998), NAGEL (1998), SEBOLD (2016), VILLELA (2016), dentre outros. A metodologia adotada foi a pesquisa Bibliográfica. Nossas investigações dão conta que o pensamento relativista exclui a verdade absoluta, atribuindo que tudo é relativo, que os princípios normativos e universais devem ser substituídos constantemente. Pensamentos de Kant, Hume e Nietzsche são mencionados, caracterizando como ponto de partida desse tipo de filosofia. Ao longo do trabalho, será realizado um confronto teórico com argumentos relacionando o Relativismo com a educação superior, com a maneira crítica de pensar das pessoas, tanto no âmbito social e profissional. Abordará também empresas como Benetton, Coca-Cola, na qual por não embasarem decisões cientificamente, deixando-se levar pela emoção, intuição, acabaram tendo prejuízos em seus empreendimentos. Desta forma, o artigo em questão, mostra como o Relativismo interfere no caráter científico da educação superior, na formação profissional e humana das pessoas.

Palavras-chave: 1 relativismo. 2 educação superior. 3 caráter científico. 4 formação

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, muitos são os esforços em querer destituir da vida das pessoas a razão, a capacidade de compreender os fatos, acontecimentos, objetos, de forma única. Procuram construir um mundo em que tudo gira em torno da subjetividade humana, a verdade e a falsidade, o certo e o errado, o justo e o injusto se tornam iguais, dependendo apenas da maneira como cada pessoa interpreta o que está sendo exposto. Tudo isso é fruto de uma corrente filosófica denominada Relativismo que a cada dia mais cresce no mundo em que vivemos. Em todas as esferas da sociedade, seja na moral, ética, política, na educação e infelizmente na religião, se encontra este tipo de pensamento.

Mediante ao que foi exposto, o artigo em questão se relaciona com este tipo de pensamento inserido dentro da área da educação, em especial o ensino superior, interferindo na vida profissional e humana das pessoas. Desta forma, surge a indagação: Quais as influências negativas que uma filosofia relativista ocasiona na educação superior e como consequência na formação profissional e humana das pessoas?

O artigo tem como objetivo analisar a questão, através da elaboração dos argumentos tomando como referência obras de diversos autores pertinentes ao tema. Foi realizado um estudo comparativo visando demonstrar como uma corrente relativista influencia no pensamento crítico, reflexivo das pessoas, na sua atuação profissional, no convívio social. Visa também demonstrar por meio deste estudo, as características de uma educação baseada nos métodos científicos, com outra influenciada por pensamentos relativistas. A pesquisa tem

como característica, demonstrar a real influência de uma corrente filosófica relativista no âmbito da educação superior e como consequência na formação profissional e humana das pessoas. Explicar a razão, o porquê de tudo que envolve a questão tratada, visando às causas do relativismo na educação.

Contudo, o assunto em questão é de fundamental importância devido ao fato de abordar um tema raramente divulgado e com poucos materiais disponibilizados, além de ser uma questão prejudicial para a educação científica e a formação das pessoas.

2. O PENSAMENTO RELATIVISTA

O pensamento relativista faz parte de uma corrente filosófica que aborda que a verdade não é superior ao passar do tempo, isto é, não é absoluta e sim mutável. Para um relativista todo ponto de vista é válido.

2.1 A ORIGEM DO PENSAMENTO

Entende-se que o pensamento relativista encontra-se nas obras de diversos filósofos que compõem a história da filosofia, dentre eles estão Hume, Kant e Nietzsche. Ambos excluem a razão, dando lugar à percepção, a observação, a intuição humana. A verdade ou falsidade é obtida por meio do que cada um percebe ou observa em meio aos fatos e objetos. Em seus pensamentos, a ontologia cede lugar para a imaginação, a experiência real racional se reduz a uma experiência baseada nos sentidos humanos, a objetividade não existe e, sim, a subjetividade. Esta forma de ver os fatos e objetos destes filósofos contribuiu para a formação do chamado relativismo, uma corrente de pensamento baseada na relatividade dos conceitos, fatos e acontecimentos.

2.1.1 DAVID HUME

David Hume nasceu na Escócia em Edimburgo em 07 de Maio de 1711 e faleceu em 25 de Agosto de 1776. Era de uma família rica, fez bons estudos em colégios excelentes, na qual um de seus professores, na área de física, era um cientista discípulo de Newton. Hume dizia que “(...) o conhecimento desta relação não se obtém, em nenhum caso, por raciocínios *a priori*, porém nasce inteiramente da experiência quando vemos que quaisquer objetos particulares estão constantemente conjuntados entre si.” (HUME, 1748, p. 41, grifo do autor)

Hume acreditava que nenhum conhecimento pode ser obtido pela razão, mas somente pela experiência. Por mais que a pessoa tenha fortes habilidades intelectuais, nunca por inferência de seus raciocínios poderá chegar a um conhecimento objetivo sem passar pela experiência, porém esta baseada na percepção individual, uma experiência caracterizada pelos sentidos humanos, sem o estudo pela razão. Entretanto esta maneira de pensar não é coerente com os fatos reais, pois segundo Johas (2008, p. 33), o homem através da razão, conseguiu determinar a gravidade da lua antes de Armstrong chegar até lá. “A razão mostrou que a terra girando em torno do seu eixo mostrava as estrelas, **aparentemente**, girando em torno da terra, A razão explicava o que os olhos viam e a causa pela qual eles viam.” (JOHAS, 2008, p. 34, grifo do autor). Entende-se, que o homem não precisou chegar até a lua para conhecer qual era a gravidade do lugar. Não houve a necessidade de experimentar sensitivamente para evidenciar o fato. A razão foi capaz de determinar. Nesse caso, a experiência dos sentidos cede lugar à experiência real racional, na qual foi fundamental para transmitir-lhe um conhecimento objetivo, confirmando o fato descoberto anteriormente pela razão. Com isso, o homem chegou ao espaço totalmente preparado para encarar a atmosfera da lua, com todos os equipamentos necessários. Se o homem fosse agir conforme Hume pensava, certamente não teria pisado na lua.

Verifica-se que ao excluir a razão dos seres humanos, Hume os torna iguais aos animais, pois ele mesmo diz: “(...) parece evidente que os animais como os homens, aprendem muitas coisas da experiência e inferem que os mesmos eventos resultarão sempre das mesmas causas.” (HUME, 1748, p. 129). Por exemplo, o ser humano evita o fogo porque acumulou em outras experiências passadas que o fogo queima, assim como os animais fazem. Segundo Hume (1748, p. 131) é uma forma de instinto, onde o homem como os animais possuem em comum. O fato de o homem evitar o fogo, não é porque com a razão, entende que a sua frente está algo que irá machucá-lo, mas por causa de seu instinto animal, na qual o lembra que circunstância semelhante o faz acreditar que o fogo o queimará. Para o filósofo “todas as leis da natureza e todas as operações dos corpos são conhecidas apenas pela experiência (...)” (HUME, 1748, p. 43). Compreende-se, que um cachorro, um ser irracional, ou seja, sem a faculdade da inteligência, não tem a capacidade de ensinar para a sua cria, que se colocar a pata no fogo irá se queimar. Entretanto, por sua vez, o cachorrinho, para saber se o fogo queima, precisa evidenciar por meio da experiência dos sentidos colocando a sua pata nele. Por outro lado, o homem, um ser racional, ou seja, dotado de inteligência, não precisa deixar o seu filho colocar a mão no fogo para saber se queima ou não, basta ensinar-lhe. Com certeza com a razão, o seu filho entenderá.

Desta forma, Hume acreditava que a razão humana nunca pode através de seus raciocínios, somente com a razão, evidenciar um conhecimento verdadeiro, objetivo. Observa-se, que tudo se baseia no que as pessoas vivem, em suas experiências sensoriais. David Hume, de uma forma cética, questiona princípios que são fundamentais.

2.1.2. IMMANUEL KANT

Kant nasceu em uma cidade da Prússia em 22 de Abril de 1724 e faleceu em 12 de fevereiro 1804. Este filósofo da era moderna distanciava-se dos pensamentos de David Hume no que diz respeito ao conhecimento que é obtido somente pela experiência, sem a razão. Kant achava que a experiência e a razão são fundamentais para a obtenção do conhecimento. Apenas concordava com Hume, no fato do conhecimento resultar das impressões humanas, da percepção. Kant dizia que:

“Com efeito, se dessas experiências retirarmos tudo o que pertence aos sentidos, ainda ficam certos conceitos primitivos e os juízos deles derivados, conceitos e juízos que devem ser formados inteiramente *a priori*, isto é, independentemente da experiência, pois que, graças a eles, acerca dos objetos que aparecem aos nossos sentidos se podem dizer ou pelo menos se julga poder dizer, mais do que ensinaria a simples experiência (...)” (KANT, 2001, p. 83, grifo do autor).

Ao mesmo tempo em que Kant defende a razão, também a anula. Sua razão é baseada na intuição humana, no que cada indivíduo acha e não o que realmente é. A ciência racional, que deve fornecer um conhecimento objetivo, passa a ser subjetiva, ou seja, o que cada um percebe a respeito dos fatos e objetos. Kant em seus argumentos quer ir contra a lógica, não distingue entre certo e errado. Dentro dos pensamentos de Kant é pela experiência que se inicia o processo de obtenção do conhecimento, mas é a intuição humana que finalizará todo o pensamento. Immanuel Kant afasta-se completamente da realidade dos fatos e objetos. A generalidade da razão, mencionada por Nagel, é excluída. “Raciocinar é pensar sistematicamente, de modo tal que qualquer um espiando por sobre meus ombros, esteja apto a reconhecê-lo como correto”. (NAGEL, 1998, p. 14)

Para Kant, o mundo exterior não pode transmitir algo a qual seja real para o homem e sim representações. “É certo, que a experiência nos diz o que é, mas não o que deve ser, de maneira necessária, deste modo e não de outro.” (KANT, 2001, p. 82). Entende-se que com esses pensamentos o princípio de causalidade é fruto da imaginação humana. As

representações são percebidas pela sensibilidade humana, mas é a intuição, ou seja, a imaginação, que dirá o que realmente deve ser o objeto, os fatos e acontecimentos. Verifica-se, que essa maneira de pensar, afasta-se completamente de todo caráter ontológico, ou seja, de toda realidade. Torna-se um pensamento reducionista, isto é, uma reinterpretação subjetiva da razão. Para Kant “(...) a razão pura especulativa tem em si mesma a particularidade de medir exatamente a sua capacidade em função dos diversos modos como escolhe os objetos para os pensar (...)” (KANT, 2001, p. 49).

O entendimento passa a ser formado pela maneira subjetiva de receber e transmitir conceitos, conhecimentos. A subjetividade humana é que prevalece. Kant reduz tudo à observação, ao “eu”. Kant (2001, p. 87) diz que ao lado da sensibilidade, que nos fornece a intuição, se tem o entendimento que nos fornece o conceito. Desta forma, pode-se dizer que para Kant, a intuição humana associada à experiência sensitiva, é a chave do conhecimento. Kant aborda a subjetividade acima da objetividade.

2.1.3 FRIEDRICH NIETZSCHE

Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 em uma província da Saxônia no Reino da Prússia e faleceu em 25 de Agosto de 1900. Este filósofo foi considerado um precursor da pós-modernidade, seus pensamentos contribuíram bastante para o crescimento da ideologia relativista, apesar de existirem argumentos tentando provar que não. Nietzsche excluía a razão humana, acreditava que:

“(...) a base racional da moral era uma ilusão e por isso, descartou a noção de homem racional, impregnada pela utópica promessa - mais uma máscara que a razão não autêntica impôs à vida humana. O mundo, para Nietzsche, não é ordem e racionalidade, mas desordem e irracionalidade. Seu princípio filosófico não era, portanto, Deus e razão, mas a vida que atua sem objetivo definido, ao acaso, e, por isso, se está dissolvendo e transformando-se em um constante devir.” (ALVES, 2016).

Para Nietzsche tudo o que envolve a vida humana acontece pelo acaso, a racionalidade dos indivíduos em meio aos acontecimentos, aos fatos não existe. Não acreditava que os seres humanos estão na terra por um propósito, por um objetivo a cumprir. Não acreditava na verdade e conseqüentemente rejeitava Deus que é a verdade, motivo pela qual a humanidade existe. De acordo com Lima para Nietzsche “distinção racional entre mundo aparente e mundo verdadeiro é apenas um falseamento para mundo verdadeiro e mundo forjado, ou seja, (...) tudo é construção humana, tudo é interpretação.” (LIMA, 2009, p. 298).

Desta forma, a subjetividade, o que cada um percebe de forma individual é o que prevalece nos argumentos deste filósofo, característica própria de um pensamento relativista. Tudo se torna interpretação, cada um entende de forma diferente um determinado fato, acontecimento, objeto. “Para Nietzsche, o homem é individualidade irreduzível, à qual os limites e imposições de uma razão que tolhe a vida permanecem estranhos a ela mesma, à semelhança de máscaras de que pode e deve libertar-se.” (ALVES, 2016). Nietzsche com a sua individualidade exclui a razão, o entendimento, na qual são pontos fundamentais que diferenciam os seres humanos dos animais irracionais. Retirar a razão da vida humana é torná-los iguais aos animais que não tem a capacidade de raciocinar.

2.2. O RELATIVISMO

Entende-se que “o relativismo é uma expressão filosófica que se baseia na relatividade do conhecimento, qualquer ponto de vista é válido” (SEBOLD, 2014). A verdade não é transcendente aos tempos e lugares, e, sim, mutável. Como Johas (2008, p. 23) diz, o ser é substituído pelo ver, o objetivo agora é subjetivo, aparente. Com o relativismo, o mal se transforma em bem, o certo e o errado são iguais, o ser é substituído pela observação.

Verifica-se que o relativismo se entrelaça com outras correntes filosóficas, dentre elas o ceticismo e o subjetivismo. O ceticismo é uma corrente filosófica, na qual não se consegue ter nenhuma certeza acerca de uma verdade. O cético está sempre questionando princípios que são tidos como universais. “É a doutrina do constante questionamento.” (JUNIOR, 2016). Por outro lado, o subjetivismo menciona que a verdade é resultante do pensamento de cada pessoa. “SUBJETIVISMO é, portanto, a tendência de enxergar e avaliar todas as Coisas, fatos, Seres etc. conforme os parâmetros de cada Sujeito, ou segundo o ponto de vista de cada Indivíduo.” (VILLELA, 2010, grifo do autor). Tudo varia de acordo com o ser pensante, o que forma a verdade é o ponto de vista de cada pessoa. O objeto não se relaciona com o sujeito e, sim, a sua ideia é que prevalece. A objetividade não existe neste tipo de pensamento, ou seja, o relacionamento do ser com o mundo externo não acontece. Por exemplo: A pessoa sabe que se saltar de um avião irá cair, ocorrendo o relacionamento entre a pessoa e o mundo externo. O indivíduo observa a altura e a realidade lhe comunica, indicando que existe a força gravitacional, por isso certamente cairá. Agir na subjetividade seria saltar sem raciocinar no que acontecerá.

Desta forma, entende-se que o relativismo realmente se relaciona com o ceticismo e o subjetivismo, pois como visto, para um cético, a certeza em uma verdade não existe, logo se não há certeza, então não existe verdade. Para o relativista a verdade absoluta não existe, então é verdadeiro o que o ser pensante elabora como verdade, o “eu” do subjetivista. Nota-se, de forma clara, como esse pensamento é contraditório, pois afirmar que tudo é relativo é o mesmo que alegar que essa afirmativa também é relativa. Nagel menciona isso em uma de suas obras de defesa da razão:

“Para dizê-lo esquematicamente, a reivindicação tudo é subjetivo, só pode ser um disparate, pois ela própria precisaria ser ou subjetiva ou objetiva. Mas ela não pode ser objetiva, já que, neste caso, se verdadeira, seria falsa; e não pode ser subjetiva, porque então não poderia promover nenhuma reivindicação de que ela é objetivamente falsa.” (NAGEL, 1998, p. 23).

É evidente, que ao afirmar tal proposição, estaria mencionando uma verdade, então a verdade existe e não é relativa como dizem. Com isso, mediante aos fatos, resta refletir no que Nagel diz:

“(…) As asserções de que algo seja verdadeiro ou falso, certo ou errado, bom ou mau, sem restrição relativista, correm o risco de ser ridicularizadas como expressões de perspectiva limitada ou como forma de vida, não como base prévia para demonstrar que isso é equivocado enquanto outra coisa é correta, mas como uma maneira de demonstrar que nada é correto e que, ao contrário, estamos todos expressando nossos pontos de vista pessoais e culturais.” (NAGEL, 1998, p. 14).

O intelectualismo está afastando-se da sociedade, as pessoas não procuram mais a razão. Hoje é comum duas contraditórias serem iguais, gera abertura para as pessoas defenderem o que acham, excluindo as verdades que realmente existem, excluindo a razão.

3. O PENSAMENTO RELATIVISTA INSERIDO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Entende-se que o relativismo se encontra em todas as áreas da sociedade, seja na política, ética, moral, religião e evidentemente na educação. Esta maneira relativista de pensar vem a cada dia mais ganhando forças e na prática de educar não tem sido diferente. Conceitos e métodos sofrem influências significativas por parte de tal filosofia.

3.1. NOS CONCEITOS E NA METODOLOGIA

Compreende-se então, que com a chegada da pós-modernidade, principalmente com a contribuição de pensadores como Nietzsche, o relativismo se infiltrou de forma ascendente na

educação, “como se observa, o chamado pensamento pós-moderno revela o desmascaramento da cultura ocidental e o adeus aos conceitos de verdade, unidade, substância e subjetividade, que se revela agora como subjetivismo.” (JÚNIOR, 2016, p. 38). Enfim, o que prevalece é o que cada pessoa percebe como verdade, conceitos com definições completamente opostos passam a ter o mesmo significado, ou seja, duas contraditórias são iguais, dependendo apenas da maneira que cada um interpreta o que está sendo exposto. Por exemplo, o conceito de publicidade e propaganda é abordado como sinônimos, isto é, não há diferença entre eles. O próprio “CENP (Conselho Executivo de Normas Padrão) [...] considera publicidade como sinônimo de propaganda (...)” (CAMELO, 2016).

Compreende-se, que devido ao fato de não haver uma universalidade nesses conceitos, pois o próprio CENP considera publicidade como sinônimo de propaganda, muitos acabam confundindo esses termos, e o que é pior, defendendo e ensinando pensamentos como por exemplo: Não importa a contradição nos conceitos, e sim a maneira como é empregado, ou seja, o ponto de vista de cada indivíduo.

Verifica-se que outros conceitos também são abordados dentro da “não lógica” do relativismo, como no caso do termo ideologia e educação. Júnior diz que:

“A definição de ideologia é equívoca, dado que o termo registra uma conotação dupla e oposta, isto é, uma conotação negativa e outra positiva. No entanto, tanto a conotação positiva como a negativa tem a vinculação do termo com a noção de conhecimento, de ciência. Trata-se, nesse sentido, de uma questão de adequação à realidade ou de sua deformação, de um problema de verdade/não verdade.” (JÚNIOR, 2016, p. 19).

Logo, mediante ao que foi exposto não há uma universalidade no conceito e sim a maneira como cada um entende como correto. Este mesmo pensamento é adotado para o termo educação, onde Júnior (2016, p. 3) menciona que o conceito de educação não é unívoco, referindo-se a todos os níveis educacionais. Nota-se que a docência emprega-os de forma errada, pois confundem o termo relativismo com as verdadeiras relações existentes entre os conceitos e o mundo externo. Não distinguem relativismo de relações na qual não excluem princípios fundamentais como o pensamento relativista exclui. O conceito de ideologia é único, cujo significado é transmitir ideias, pensamentos, doutrinas, que influenciam no comportamento e atitudes das pessoas. O que diferencia é a maneira como ela se relaciona com o mundo, ou seja, expondo uma verdade ou sofisma. O mesmo é empregado para o termo educação, a maneira como é empregada ao longo dos tempos, seja para profissionalizar ou humanizar as pessoas, não torna o seu conceito relativo, uma vez que a educação significa formar pessoas, sendo responsável pela instrução, condução de conhecimentos em favor da transformação dos seres humanos. Independente da maneira como é empregada, este conceito sempre prevalece.

Entende-se também que além dos conceitos, as metodologias educacionais também são influenciadas por esta corrente filosófica. A utilização de técnicas, de métodos, objetivos visando a eficiência e a eficácia no ato de educar, de formar pessoas para atuarem como verdadeiros profissionais e cidadãos, são substituídas por concepções que “(...) não se perpetuam e nem se constituem em verdades absolutas, e, portanto são ressignificadas à luz das exigências e necessidades de cada época da história.” (FACHINI, 2016, p. 28). Desta forma, não havendo a objetividade, Segundo Lyotard (1998, p. 35), o saber não é ciência e, tampouco, conhecimento na perspectiva do pós-moderno. A universalidade é substituída pela individualidade humana, criando-se “(...) uma crise na dimensão educacional, na própria função de ensinar e na legitimação da práxis educativa, por meio dos educadores, dado o processo de deslegitimação e debilitação da razão (...)” (JÚNIOR, 2016, p. 36). A ausência da razão, dos métodos, promove de certa forma a contingência do sujeito.

3.2. NOS CURSOS

Entende-se que devido a esse pluralismo de ideias e métodos, provenientes do relativismo, cursos da educação superior acabam sofrendo influências negativas significativas. No curso de administração de empresas, no estudo da abordagem contingencial, na chamada teoria da contingência, observa-se o entusiasmo em defender a proposição tão querida pelos relativistas: Tudo é relativo, na administração nada é absoluto. Muitas vezes, utilizam desse argumento para defenderem conceitos considerados contraditórios, resultante da própria característica peculiar deste tipo de filosofia. A administração está inserida nas chamadas ciências sociais, porém há estudiosos que questionam o fato, da não objetividade na administração, simplesmente por estar inserida dentro das ciências sociais. Porém, nota-se que a realidade não é essa, porque princípios fundamentais existem dentro da área, tornando-a objetiva. É evidente a existência da subjetividade humana, pois a administração relaciona-se com pessoas, mas nem tudo é subjetivo como dizem, caso contrário, a administração não receberia o título de ciência. Através da administração científica, na abordagem clássica, a administração passou a adotar metodologias científicas, onde a racionalização do trabalho, os métodos, a lógica, a experiência real racional, passaram a fazer parte na maneira de conduzir as empresas. Desta forma, a teoria da contingência (...) rechaça os princípios universais e definitivos de administração. A prática administrativa é situacional e circunstancial. (CHIAVENATO, 2000, p. 637).

Entretanto, a cada dia que passa, os argumentos científicos da abordagem clássica estão sendo repelidos pelos pensamentos da teoria da contingência. Mediante as suas proposições, a razão, os métodos, a lógica e a experiência real racional, são excluídas, ocasionando assim, distorções no caráter científico e no estudo da administração. Um deles é o fato de que “(...) a verdade ou falsidade somente pode ser conhecida pela experiência e pela evidência, e não pela razão.” (CHIAVENATO, 2000, p. 579). Neste caso a razão é excluída. As pessoas não possuem mais inteligência necessária para distinguir entre certo ou errado. Diz também que “não há uma maneira melhor de organizar e de administrar as organizações” (CHIAVENATO, 1980, p. 442), logo se não existe uma melhor maneira, então não existem métodos. Ousa dizer “que não há nada de absoluto nas organizações ou na teoria administrativa. Tudo é relativo. Tudo depende.” (CHIAVENATO, 2000, p.585). Relativizar tudo é retirar o caráter lógico da ciência da administração. Considerando uma última proposição, a teoria da contingência diz que na administração “(...) não existe uma causalidade direta (...) Em vez de uma relação de causa e efeito (...), essa relação funcional é do tipo “se-então” (...)” (CHIAVENATO, 2000, p. 585), excluindo assim a característica de que toda ciência “trata-se do estudo com critérios metodológicos, das relações existentes entre causa e efeito de um fenômeno qualquer, na qual o estudioso se propõe a demonstrar a verdade dos fatos e suas aplicações práticas.” (OLIVEIRA, 2004, p. 47).

Apesar da teoria da contingência dizer “(...) considerar todas as contribuições das diversas teorias anteriores (...)” (CHIAVENATO, 2000, p. 644), por outro lado, de maneira sutil, exclui todo o esforço conquistado pelos precursores da administração científica.

4. OS IMPACTOS DO RELATIVISMO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E HUMANA DAS PESSOAS

Certamente a educação está relacionada com a formação de cada pessoa, seja como profissional ou ser humano. Uma educação relativista altera o comportamento dos profissionais no exercício de suas funções, bem como das pessoas no convívio social.

4.1 O NOVO PERFIL DE PROFISSIONAIS INSERIDOS NOS DIVERSOS SETORES DE TRABALHO

Uma das funções da educação superior mencionada no artigo 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é “Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua” (BRASIL, 1996). Os saberes que são ministrados para os alunos nas instituições, certamente influenciarão em suas vidas profissionais. Entende-se que a educação não é uma ação neutra, gera implicações significativas na vida das pessoas, onde os docentes têm responsabilidades na formação dos seus alunos. Desta forma, uma educação, em especial a de ensino superior, baseada por estes pensamentos relativistas, forma uma nova geração de profissionais que ingressam no mercado de trabalho acreditando que a verdade é relativa ao que cada indivíduo acredita ser correto. Perde-se desta forma a capacidade de raciocinar de forma objetiva em meio aos fatos, acontecimentos, em meio aos problemas, deixando de pensar de forma crítica, reflexiva, buscando a verdade. Resulta-se (...) “o crescimento da já extrema preguiça intelectual da cultura contemporânea e o colapso da argumentação séria que permeia o baixo alcance das humanidades e das ciências sociais” (...) (NAGEL, 1998, p.14).

As pessoas caminham de forma acrítica, tomando decisões por meio somente da intuição, não analisando de forma reflexiva os fatos por meio de metodologias científicas, baseiam suas ações de forma arbitrária, somente na percepção, pois com a ausência da objetividade resta somente o subjetivismo humano. Verifica-se, que o termo intuição, segundo Oliveira “(...) é uma função especial da mente humana, que age pelo pensamento, independentemente da pessoa ser ou não letrada. É um fenômeno psíquico natural que todos os seres humanos possuem, alguns em maior grau e outros em menor grau, conforme certas condições (...)” (OLIVEIRA, 2004, p.55)

A intuição na realidade é um sentido interno, que impulsiona a pessoa a agir pela emoção e não com a razão. “(...) Corresponde a uma forma de conhecimento direto, uma forma de visão imediata dos objetos e de suas relações com outros objetos, sem o uso de raciocínio discursivo ou de base científica” (OLIVEIRA, 2004, p.55). Desta forma, este modo de agir, faz com que tais pessoas comprometam a sua carreira profissional e consequentemente os negócios de empresas pelas quais estão prestando serviços. As pessoas acabam vivendo na mentira, aceitando como verdade que duas expressões completamente opostas são iguais, dependendo somente do ângulo de visão de cada indivíduo. Pessoas com vários pontos de vista, argumentos diversos, defendendo e ensinando sem a objetividade.

4.2 O RELATIVISMO NAS EMPRESAS

De acordo com esses novos profissionais, com o novo modo acrítico de raciocinar proveniente de uma educação relativista, como mencionado anteriormente, certamente quem acaba perdendo bastante é o setor empresarial. É evidente que toda empresa é conduzida por pessoas, onde o seu modo de agir de forma irracional certamente influenciará na eficácia dos seus empreendimentos. Kevin j. Clancy, um especialista na área de marketing, considerado o guru do marketing em entrevista exclusiva a revista HSM Management, aborda questões acerca da tomada de decisões, que apesar de focar a área de marketing, são questões a ser empregada em qualquer parte da administração. Clancy afirma que: “(...) as decisões de marketing ruins são as tomadas repetidamente e as baseadas apenas na intuição e no discernimento pessoal. Vemos muitas empresas lançar novos produtos ou campanhas publicitárias respaldando-se apenas no “instinto” (...)” (CLANCY, 2003).

Como consequência, é o fracasso. Segundo Clancy (2003), um exemplo de empresas que fracassaram na história com este tipo de ação é a Coca – Cola, onde de vários produtos

lançados muitos sem sucesso. Várias campanhas publicitárias muitas não foram bem sucedidas. O resultado de tudo isso certamente é um trabalho voltado somente na percepção intuitiva.

Verifica-se também, que a Benetton, uma empresa varejista de roupas global sediada na Itália, enfrentou momentos turbulentos, simplesmente pelo fato de decidir anunciar campanhas publicitárias globais com certas controvérsias. Anúncios como: uma mão branca e uma mão negra unidas por algemas; uma mulher negra amamentando um bebê branco e o mais triste e abusado, uma freira beijando um padre, são exemplos das campanhas publicitárias divulgadas pela empresa. A empresa que tinha seus resultados financeiros em 1988 e 1993 excelentes, em 1994 viu esta realidade cair surpreendentemente. Mesmo com a opinião de especialistas relacionando tal queda com este tipo de comportamento, a empresa não abriu mão de sua forma de fazer publicidade.

Compreende-se, que esse procedimento da empresa está embasado nos seus achismos, nos seus pontos de vista. A realidade aponta que ações como essa, causam um efeito terrível nos seus resultados financeiros, na sua imagem. Porém a empresa ignora os fatos e prefere agir da sua maneira.

As empresas, e é claro, os novos profissionais, precisam voltar-se para a realidade, deixando de lado seus instintos, intuições, baseando-se assim em cima de métodos, padrões científicos, na qual lhe garantirá um respaldo firme, sólido, ou seja, “(...) comprometer-se a fundamentar suas decisões em ferramentas de análise e modelagem.” (CLANCY, 2003). As organizações precisam relacionar-se com seus clientes e consumidores, mas não uma relação à base do achismo e sim na utilização de métodos de pesquisa fornecendo-lhes dados concretos e reais. “(...) As empresas devem praticar um marketing contra-intuitivo” (CLANCY, 2003), lembrando que há muito tempo atrás, a administração deixou todo empirismo de lado, adotando metodologias científicas e conduzindo as organizações em virtude da racionalidade.

4.3. O RELATIVISMO NA FORMAÇÃO HUMANA E SOCIAL DAS PESSOAS

“(...) O professor deve ter clareza que ao privilegiar determinados tipos de conteúdos a serem ministrados ou ao definir um método de ensino, não está apenas trabalhando conteúdos, conhecimentos intelectuais, trabalha também valores morais, normas de conduta, maneiras de pensar e ver o mundo.” (FACHINI, 2016, p. 52).

Tudo o que é ensinado em sala de aula têm implicações significativas na vida das pessoas, não somente no âmbito profissional como analisado anteriormente, mas também no convívio social, na formação humana. Uma educação baseada na ideologia relativista faz com que as pessoas apliquem também este modo de pensar no seu modo de agir, seja de forma consciente ou não. Gallo diz que: “A ideologia passa a dominar todos os nossos atos. Quando nos convencemos da verdade dessas ideias, passamos agir inconscientemente guiados por elas, ou seja, o corpo de ideias constituído atravessa nosso pensamento sem nos darmos conta (...)” (GALLO, 2016).

Desta forma, com a ideologia relativista inserida na vida das pessoas, valores éticos, morais, religiosos, entre outros, são totalmente distorcidos e até mesmo abandonados. Verifica-se que na atualidade, a família está a cada dia mais sendo destruída. Muitos se casam sem muita reflexão, sem muito preparo, com a mentalidade de divórcio caso não consigam suportar as contrariedades. Hoje o ser homem e mulher é uma condição a ser escolhida por cada indivíduo, a chamada cultura de gênero, contrariando a ordem natural instituída. Outro fato relevante é o clamor pelo combate à corrupção, porém torna-se necessário lembrar que o simples fato de prejudicar o outro a fim de beneficiar-se é tornar-se um corrupto também.

Entende-se que tudo passa a depender do juízo do homem, sem regras, sem limites, ou seja, o que diferencia ser correto ou não é o que satisfaz os seus próprios interesses, uma falsa liberdade humana. É como diz o Papa Leão XIII acerca dessa liberdade:

“Mas, ainda, tal doutrina traz o maior dano, tanto ao indivíduo como à sociedade. Realmente, se o homem faz depender só e unicamente do juízo da razão humana o bem e o mal, suprime a diferença essencial entre o bem e o mal; o honesto e o desonesto já não diferem na realidade, mas somente na opinião e no juízo de cada um: o que agrada será permitido. Desde que se admita semelhante doutrina moral, que não basta para reprimir ou pacificar os movimentos desordenados da alma, dá-se acesso a todas as corrupções da vida.” (ENCÍCLICA LIBERTAS PRAESTANTISSIMUM, 1888, p. 8).

Compreende-se que o relativismo conduz as pessoas a esse modo de viver a liberdade, abandonando valores, não admitindo regras fundamentais de vida, enfim, abandonando a certeza, a verdade, ignorando a Deus que é a Verdade.

5. CONFRONTO TEÓRICO: EDUCAÇÃO SUPERIOR CIENTÍFICA VERSUS EDUCAÇÃO SUPERIOR RELATIVISTA

Ao longo da história da educação, na idade medieval, na filosofia ocidental, a educação foi primeiramente tratada como formação ética, ou seja, “à qualidade e à intensidade do aprimoramento da postura e das ações morais das pessoas individuais” (SEVERINO, 2006, p. 3). Em seguida pensada como formação política, isto é, uma educação baseada na “inserção dos indivíduos na estrutura social” (SEVERINO, 2006, p. 5). Entretanto, as duas abordagens moldavam um modelo, um referencial para a prática de educar. Com a chegada da contemporaneidade, na chamada pós-modernidade, esta maneira de abordar a prática de educar é aos poucos repelida, ou seja, o ser humano no que se refere a sua formação não possui mais um referencial, um modelo a ser seguido, “encontra-se condenado a construir para si uma configuração própria, não prevista e nem previsível” (SEVERINO, 2006, p. 622). Desta forma, os modelos racionais éticos e políticos são substituídos por uma nova maneira de conceituar a educação, repelindo a universalidade, a objetividade e cedendo lugar para a incerteza, a contingência do sujeito.

De acordo com a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional 9394 (1996) no artigo 43, uma das finalidades da educação superior são o estímulo do conhecimento científico e pensamento reflexivo, incentivando a pesquisa e investigação científica. No entanto por se tratar de ciência, a razão, a lógica, os métodos, a experiência real racional deve fazer parte dos seus estudos. Segundo Oliveira (2004, p. 47), a ciência é muito importante na sociedade, pois é através dela que ocorrem as descobertas e invenções. A ciência preza a objetividade, a racionalidade, a análise ontológica dos fatos e acontecimentos. No conhecimento científico está presente a razão, a lógica, os métodos, a experiência real racional.

Desta forma, para uma educação que visa à produção de conhecimento científico, este novo modo de conceituá-la, interfere neste seu caráter. Ao mencionar que “(...) tudo é construção humana, tudo é interpretação.” (LIMA, 2009, p. 298), a razão, o entendimento é deixado de lado. A realidade de que a ciência “caracteriza-se pelo conhecimento racional, sistemático, exato, verificável e, por conseguinte, falível.” (OLIVEIRA, 2004, p. 49), é substituída por um plural de interpretações, onde cada um percebe de maneira diferente os fatos.

Outro ponto que compromete também o seu caráter científico é o fato de “(...) que não existem mais princípios seguros que apontem para uma vida correta (...) de se oferecer respostas definitivas e de se estabelecer fins universalmente válidos para a política e a

educação” (JÚNIOR, 2016, p. 33), excluindo assim a lógica, que segundo Oliveira é uma “forma sistematicamente organizada de pensamento objetivo” (OLIVEIRA, 2004, p. 50). Com essa nova educação contemporânea os métodos também são substituídos por uma “(...) configuração própria, não prevista e nem previsível” (SEVERINO, 2006, p. 622), onde “(...) na atualidade, o ser humano não se difere mais como um ser pessoal, que age a partir de um modelo e, tampouco, como puro ser social adequadamente inserido na sociedade” (JÚNIOR, 2016, p. 32). Entretanto se não há mais um modelo, então não existe um caminho a seguir, não existe métodos que segundo Oliveira “(...) deriva da metodologia e trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos.” (OLIVEIRA, 2004, p. 57)

Desta forma, com o relativismo inserido na educação superior, a razão, a lógica, os métodos, a experiência através da racionalidade, aspectos indispensáveis para a produção de conhecimento científico são repelidos. A educação caminha em meio a arbitrariedade e não na objetividade. Portanto, o relativismo, com essa sua filosofia, acaba interferindo no estudo e no caráter científico da educação superior, na qual, como vimos, tem um impacto profundo na vida profissional e humana das pessoas.

6. CONCLUSÃO

Certamente o pensamento relativista é extremamente prejudicial para a sociedade, pois conduz as pessoas a agirem pela irracionalidade, não analisando de forma ontológica os fatos, acontecimentos, os problemas. A objetividade é deixada de lado, prevalecendo o subjetivismo humano, o individualismo. A razão que segundo Nagel (1998, p. 14) é o entendimento, ou seja, a capacidade de transmitir algo, na qual todos possam entender de forma generalizada, agora é repelida.

Desta forma, tal pensamento inserido na educação superior, prejudica o seu caráter científico de transmissão do conhecimento, conduzindo a formação das pessoas mediante a não universalização dos conceitos, das metodologias, retirando dos indivíduos a capacidade de distinguir entre o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, acreditando que duas proposições completamente opostas são iguais. Com a ausência da verdade, o importante é o que cada um define para si mesmo, independente do que realmente a realidade demonstra como correto.

No entanto, a inserção de tal pensamento modifica a maneira de pensar da sociedade, comprometendo de forma negativa a capacidade de reflexão crítica das pessoas, o seu desempenho profissional pelo fato de tomarem decisões na arbitrariedade e também no âmbito humano social, destruindo valores, uma sociedade em meio a muita emoção e intuição, distanciando da razão. Quando se retira essa razão, Johas diz que “(...) sobra menos que a experiência sensível dos animais que não tem o livre arbítrio e que não refletem com a razão, mas que conhecem bem os outros seres externos aos seus órgãos sensitivos (...)” (JOHAS, 2008, p. 85). Tornar tudo relativo, dentro do contexto do relativismo é não diferenciar o ser humano racional dos animais que não possuem a razão. É tornar os seres humanos iguais a um macaco, um asno, um burro.

Desta forma, é fundamental lutar de modo a romper com este modo de pensar, buscando uma educação focada na preservação da verdade, da racionalidade. Uma educação dentro da objetividade, formando verdadeiros seres humanos, preservando a sua imagem e integridade pelo qual foram criados.

7. REFERÊNCIAS

- ALVES, Alanna Shirley de Melo. **Resumo sobre obra e vida de Friedrich Nietzsche**. Disponível em: <<http://aomestrecamamor.blogspot.com.br/2014/01/resumo-sobre-obra-e-vida-de-friedrich.html>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 02 out. 2016.
- CAMELO, Viviane. **História da Propaganda II: Qual a diferença entre Publicidade e Propaganda?** Disponível em: <<http://vivianecamelo.blogspot.com.br/2011/11/historia-da-propaganda-ii-qual.html>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- CLANCY, Kevin J. **Abaixo a intuição**. Disponível em: <http://www.verveweb.com.br/clipping/clipping_detalle.asp?cod_clipping=2162&cod_cliente=44>. Acesso em: 02 out. 2016.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da Administração: Abordagens descritivas e explicativas**. V.2. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1980.
- FACHINI, Maria Ângela Arruda. **Planejamento, execução e avaliação no ensino superior**. Curso de Pós-Graduação Lato sensu a Distância. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2016
- GALLO, Silvio. **Ideologia do capitalismo**. Disponível em: <<http://www.appio.org/IDEOLOGIA.htm>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- HUME, David. **Investigação acerca do entendimento Humano**. Acrópolis, 1748. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/hume.html>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- JOHAS, Homero. **As Fraudes e Falsidades do Relativismo de Albert Einstein**. Rio de Janeiro: Maia, 2008.
- JÚNIOR, Wercy Rodrigues Costa. **Fundamentos históricos e filosóficos do ensino superior**. Curso de Pós-Graduação Lato sensu a Distância. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2016
- JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Ceticismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/ceticismo/>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- LIMA, J. F. L. A educação, a pós-modernidade e a crise de fundamentação do discurso pedagógico. **Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional**, v. 7, p. 297-313, 2009.
- LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- LEÃO XIII, Papa. **Carta Encíclica Libertas praestantissimum: Sobre a liberdade humana**. 20 de Junho de 1888. Disponível em: <<http://www.capela.org.br/Magisterio/LeaoXIII/libertas.htm>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- NAGEL, Thomas. **A última palavra**. São Paulo: UNESP, 1998.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006.
- SEBOLD, Sergio. **Relativismo, o mal do século**. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2014/01/31/relativismo-o-mal-do-seculo/>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- VILLELA, Fabio Renato. **Subjetivismo e Subjetividade, Ensaio Filosófico**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2318195>>. Acesso em: 02 out. 2016.